

Influências do contexto educativo brasileiro na identidade linguística de alunos imigrantes haitianos

Influences of the Brazilian educational context on Haitian immigrant students' linguistic identity

Influencias del contexto educativo brasileño en identidad lingüística de estudiantes inmigrantes haitianos

Leandra Ines Seganfredo Santos¹

Karina Merlino Ávila²

Resumo

O objetivo deste texto é compreender a construção da identidade linguística de crianças haitianas matriculadas no ensino Fundamental I em três escolas municipais de Sinop, Mato Grosso, a partir das vozes da equipe educacional, dos pais e dos alunos. É uma pesquisa qualitativa interpretativista, desenvolvida com 6 (seis) crianças, 8 (oito) professores, 3 coordenadoras pedagógicas e 4 (quatro) pais. Para a coleta de dados foram realizadas entrevistas semiestruturadas, observação participante e registros em diário reflexivo. Os dados mostram que é necessário muito empenho dos professores para integrar os alunos nas atividades escolares concernentes ao aprendizado da língua portuguesa. Mostram, também, que as crianças apresentam uma pluralidade linguística própria de seu povo que influencia diretamente o processo de construção de sua identidade.

Palavras-chave: imigrantes haitianos; identidade linguística; língua portuguesa.

Abstract

The objective of this text is to understand the construction of the linguistic identity of Haitian children enrolled in Elementary School in three municipal schools in Sinop, Mato Grosso, Brazil, from the voices of the educational team, parents and students. It is an interpretive qualitative research, developed with 6 (six) children, 8 (eight) teachers, 3 pedagogical coordinators and 4 (four) parents. For data collection, semi-structured interviews, participant observation and records in a reflective diary were carried out. Data show that it takes a lot of effort from teachers to integrate students into school activities related to learning the Portuguese language. They also show that children have a linguistic plurality typical of their people, which directly influences the process of building their identity.

Keywords: Haitian immigrants; linguistic identity; Portuguese language.

Resumen

El objetivo de este texto es comprender la construcción de la identidad lingüística de niños haitianos matriculados en la Escuela Básica de tres escuelas municipales de Sinop, Mato Grosso, a partir de las voces del equipo educativo, padres y alumnos. Se trata de una investigación cualitativa interpretativa, desarrollada con 6 (seis) niños, 8 (ocho) docentes, 3 coordinadores pedagógicos y 4 (cuatro) padres. Para la recolección de datos se realizaron entrevistas semiestructuradas, observación participante y registros en un diario reflexivo. Los datos muestran que se necesita mucho esfuerzo por parte de los profesores para integrar a los estudiantes en las actividades escolares relacionadas con el aprendizaje de la lengua portuguesa. También muestran que los niños tienen una pluralidad lingüística propia de su pueblo, lo que influye directamente en el proceso de construcción de su identidad.

Palabras clave: inmigrantes haitianos; identidad lingüística; lengua portuguesa.

¹ UNEMAT, Sinop/MT – Brasil. E-mail: leandraines@unemat.br. ORCID: [0000-0003-0388-0106](https://orcid.org/0000-0003-0388-0106).

² UNEMAT, Sinop/MT – Brasil. E-mail: kavilaunemat@gmail.com. ORCID: [0000-0001-9403-5391](https://orcid.org/0000-0001-9403-5391).

Introdução

Na visão da maioria dos haitianos, o histórico tumultuado em que o seu país passou desde o início de sua colonização deixou um subdesenvolvimento muito grande no Haiti, que os levou a um sistema de permanentemente busca por justiça e liberdade. Após a independência, o isolamento e bloqueio do Haiti, no século XIX e as decorrências sociais da ocupação militar dos Estados Unidos e da ditadura Duvalier no século XX, geraram uma liberdade econômica que prejudicou o país, assim como, a política e a restrição da liberdade cultural da maioria dos haitianos. Toda essa trajetória impulsionou os haitianos a saírem para o exterior, sendo a única saída para fugir dos “constrangimentos históricos, estruturais e econômicos do país”. (MALVOISIN, 2017, p. 13).

Segundo Guimaro *et al.* (2013), o terremoto ocorrido em 2010 ocasionou um grande impacto para seu povo, trazendo problemas econômicos, sociais, em consequência dessa crise acabou acarretando, problemas psicológicos. Com isso, muitos escolheram buscar uma vida melhor, migrando para outros países com perspectivas melhores que o seu lugar de origem, e o Brasil foi um dos escolhidos. O motivo de o Brasil ser um dos principais destinos dos haitianos, de acordo com Oliveira (2017), é principalmente, porque liderou a MINUSTAH - Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti, trabalho realizado no ano de 2004. Portanto, a motivação da vinda dos haitianos para o nosso país não pode ser simplificada apenas pela tragédia natural que ocorreu em 2010. Conforme Fernandes *et al.* (2014), a incitação da emigração dos haitianos é uma soma de vulnerabilidades: a desestabilização política, a instabilidade e dificuldade na área social e econômica, como também as catástrofes naturais que ocorrem com frequência.

A migração sucessiva de haitianos para o Brasil trouxe junto novos parâmetros para o país, em diversas áreas: econômica, social, linguística e racial. Em nosso país, Mato Grosso é um dos estados escolhidos para ser construída uma nova etapa de vida desses imigrantes, pelo fato de as cidades estarem em intensos processos de desenvolvimento e oferecer um grande número de empregos. Por esse motivo, ocorre o aumento na quantidade de crianças haitianas matriculadas nas instituições escolares.

Partindo desse pressuposto, neste texto buscamos compreender a construção da identidade linguística de crianças haitianas matriculadas no ensino Fundamental I em três escolas municipais de Sinop, Mato Grosso, a partir das vozes da equipe educacional, dos pais e dos alunos.

Nas sessões seguintes descrevemos a metodologia, refletimos acerca da identidade linguística e como ela se modifica à medida que os sujeitos utilizam a linguagem em situações sociais, a ponto de vivermos, nas palavras de Rajagopalan (2003), um fenômeno de mestiçagem. Ademais, discutimos possíveis influências do contexto educativo na formação da identidade linguística dos alunos imigrantes haitianos.

Metodologia

O artigo em tela é um recorte de uma pesquisa qualitativa interpretativista. Como descreve Alvarenga (2014), na pesquisa em que o enfoque é qualitativo, a ênfase é dada nas características: sociais, antropológicas, arqueológicas, culturais, psicológicas, criminalísticas, históricas. Nesse tipo de enfoque são analisados todos os processos humanos; ao mesmo tempo que descreve, também tenta compreender todo esse processo vivido de maneira integral e profunda, inclusive a problemática e todo o seu contexto.

Quanto ao paradigma interpretativista, nesta pesquisa, foi de muita importância considerar a cada informação coletada a construção subjetiva do sujeito, mesmo que o cenário que baseava todas as histórias fosse o mesmo no geral, que deixaram o seu país natal para ir em busca de sonhos, cada história tinha uma particularidade baseada no âmbito de cada um; podemos dizer que existia o cenário macro, como também o micro, que é a especificidade de cada família, de cada indivíduo, a visão que o pai passou na entrevista tem casos que era diferente no ponto de vista do filho, o aluno haitiano. Segundo Mason (2002, p. 149), “uma leitura interpretativa envolverá você na construção ou documentação de uma versão de como você pensa, significa ou representa os dados ou o que você pensa que pode inferir a partir deles”.

A entrevista semiestruturada foi escolhida como um dos instrumentos de coleta de dados, por dar a oportunidade de se fazer um roteiro de questões abertas, com a alternativa de poder incluir perguntas extras na medida que forem surgindo novos caminhos dentro do tema da entrevista, sendo adicionado dados para um melhor resultado para a pesquisa. Para Gil (1999, p. 17), a entrevista é “uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação”. Segundo Gaskell (2002), a entrevista oferece um entendimento detalhado das crenças, motivações, atitudes e valores dos sujeitos pesquisados. Nesse tipo de entrevista, notamos um fator importante, pois o entrevistado haitiano não tinha necessidade de conhecer a língua portuguesa em sua totalidade. Outro instrumento usado foi o diário reflexivo, que, conforme André e Darsie (1999), é um instrumento de análise didática utilizado para registrar as experiências, as intervenções e as aprendizagens dos professores e de seus alunos, em uma metodologia de reflexão das práticas pedagógicas.

Destarte, o estudo foi realizado com 6 (seis) crianças, 8 (oito) professores, 3 coordenadoras pedagógicas e 4 (quatro) pais, que recebem aqui nomes fictícios, assim como as escolas.

A seleção dos alunos deu-se através de conversas com as coordenadoras para analisar um grau comparativo entre alguns aspectos: tempo de moradia no Brasil, se sabem a língua portuguesa, idade e ano escolar. Por questão de ética os nomes dos alunos haitianos foram substituídos por nomes de cidades do Haiti.

Quadro 1: Número de alunos e anos escolares selecionados

Alunos	Anos escolares	Idade	Gênero	Tempo no Brasil
Perches	2º ano	8 anos	masculino	2 meses e meio
Vallieres	2º ano	8 anos	masculino	2 anos e meio
Ouanaminthe	2º ano	8 anos	masculino	2 anos e meio
Ferrier	4º ano	14 anos	feminino	2 anos e meio
Magasin	5º ano	13 anos	masculino	1 ano e meio
Chantal	5º ano	14 anos	masculino	1 ano e meio

Fonte: Dados baseados em informações da pesquisa.

Os alunos haitianos selecionados subdividem-se em: 3 alunos do gênero masculino do ensino fundamental que estudam no 2º ano; 2 estudam na mesma sala na escola “Rosas”; e 1 aluno na escola “Angicos”.

Do 4º ano, foi selecionada uma aluna da escola “Angicos”, irmã do aluno do 2º ano da mesma escola. No 5º ano, dois irmãos que estudam na mesma sala na escola “Lírio”.

O segundo critério foi o tempo de estadia no Brasil, ou seja, o tempo de contato com a língua portuguesa como língua adicional. Na época da entrevista e início da observação, o aluno Perches estava, na época, há 2 meses e meio no Brasil e em contato com a língua portuguesa, enquanto os alunos Vallieres, Ouanaminthe e Ferrier estavam há 2 anos e meio e os irmãos Magasin e Chantal há 1 ano e meio.

A partir da etapa de escolha dos alunos, foi analisado quais professores fariam parte da pesquisa, então a opção foi de entrevistar os dois professores das salas dos 2º anos, que foram: a pedagoga e o professor de educação física. Já com os alunos do 4º e 5º ano, foram selecionados os professores de língua portuguesa e língua inglesa, pelo fato de serem as disciplinas relacionadas ao tema do estudo, e também pelo motivo de que a pesquisa abrangeria muito se entrevistássemos os demais professores que faziam parte da grade curricular do 4º e 5º anos.

Quadro 2: Professores do 2º ano

Nome	Área de formação	Escola	Alunos	Ano escolar que trabalha	Anos trabalhados em sala de aula	Anos trabalhados no município de Sinop-MT
Jasmim	Pedagoga	Rosa	Perches e Vallieres	2º ano	25 anos	18 anos
Magnólia	Educação Física	Rosa	Perches e Vallieres	2º ano	16 anos	15 anos
Tulipa	Pedagoga	Angicos	Ouanaminthe	2º ano	25 anos	22 anos
Margarida	Educação Física	Angicos	Ouanaminthe	2º ano	5 anos	5 anos
Lótus	Língua portuguesa	Angicos	Ferrier	4º ano	15 anos	16 anos
Lavanda	Língua inglesa	Angicos	Ferrier	4º ano	10 anos	11 anos
Orquídea	Língua portuguesa	Lírio	Magasin e Chantal	5º ano	16 anos	15 anos
Violeta	Língua inglesa	Lírio	Magasin e Chantal	5º ano	20 anos	21 anos

Fonte: Dados baseados em informações da pesquisa.

Todos os professores têm bastante experiência em sala de aula, de 5 a 25 anos, e todos são preparados para trabalhar com qualquer estágio de escolaridade e conhecimento que um aluno pode estar. Porém, todos reclamaram da falta de estrutura que tiveram para poder receber os alunos imigrantes.

Os nomes das coordenadoras foram substituídos por nomes de sementes. No total, são 3 coordenadoras, que apresentamos no quadro a seguir, organizado por característica de local que trabalham atualmente; os alunos com os quais desempenhavam o seu papel

de coordenação; anos trabalhados no município de Sinop-MT; como coordenadoras; na educação e área de formação.

Quadro 3: Coordenadoras pedagógicas envolvidas na pesquisa

Nome	Escola	Alunos	Anos trabalhados Prefeitura de Sinop	Anos trabalhados como coordenadora	Área de formação	Anos trabalhados
Girassol	Rosa	Perches e Vallieres	18 anos	1 ano e 8 meses	Pedagoga	16 anos
Gergelim	Angicos	Ouanaminthe e Ferrier	17 anos	8 meses	Letras	20 anos
Erva-Doce	Lírio	Magasin e Chantal	17 anos	8 meses	Letras	20 anos

Fonte: Dados baseados em informações da pesquisa.

Os pais envolvidos na pesquisa foram 4. Seus nomes foram mantidos anônimos, sendo substituídos por nomes de árvores. Foram entrevistados apenas os pais porque as mães não se propuseram a dar entrevistas.

Quadro 4: Pais dos alunos haitianos

Nome	Nome dos filhos	Anos no Brasil	Formação	Idade	Línguas faladas	Língua preferida
Cedro	Perches	5 anos	Língua moderna, "idioma" e agroflorestal	41 anos	Crioulo, Francês; Espanhol; Inglês; Português.	Inglês
Flamboyant	Vallieres	4 anos	Ensino Médio	34 anos	Crioulo; Francês; Espanhol; Inglês; Português	Crioulo
Ipê	Ouanaminthe e Ferrier	*	*	*	*	*
Sibipiruna	Magasin e Chantal	6 anos	6º ano do fundamental	35 anos	Crioulo; Francês; Espanhol; Português	Crioulo; Francês; Espanhol; Português

* O pai Ipê não concedeu entrevista.

Fonte: Dados baseados em informações da pesquisa.

Para as análises, trazemos excertos de entrevistas semiestruturadas e dados apreendidos durante observação participante e registros em diário reflexivo (ALVARENGA, 2014; MASON, 2002).

Importância da linguagem na construção identitária

A sintonia entre o relacionamento de imposições de instituições com a identidade dos sujeitos é cada vez maior, pois essas instituições passam por transformações para uma natureza mutável constantemente. Nas palavras de Hall (1995, p. 12), "o processo de identificação de nossas identidades culturais tornou-se mais provisório, variável e problemático".

Cada acontecimento cultural e histórico desenvolve uma pessoa marcada por valores sociais. Com o processo de evolução da sociedade para os dias atuais, percebe-se que é constituída por identidades que estão em deslocamento.

O desenvolvimento da composição identitária cultural está ligada à integração e crescimento do capitalismo por todos os limites e fronteiras entre países, com características de transformação que formam pessoas com esse mesmo gênero, identidades multifacetadas.

Nesse contexto, a motivação da imigração dos haitianos para o Brasil é de sobreviver de uma maneira mais digna que do seu país de origem. Conforme Oliveira *et al.* (2015, p. 148), “Não somente no Brasil, mas em outros países, o imigrante em busca de novas oportunidades se submete aos ditos ‘subempregos’, trabalhos de menor valor”. O Brasil acaba se tornando um lugar de esperança, de uma vida melhor e esses imigrantes trazem consigo os seus costumes, sua cultura.

Segundo Dantas *et al.* (2010), a identidade é uma evolução psicológica em que o indivíduo interpreta um aspecto, uma qualidade, um atributo do outro e se modifica, há casos de forma total ou parcial, de acordo com o jeito que a pessoa é, a partir do contato com outros sujeitos de outras culturas.

A identidade está ligada ao reconhecimento do “eu”. A identidade seria a percepção que a pessoa possui de si mesma, reconhecendo características que a definem como ser humano. Neste sentido, o reconhecimento ou não reconhecimento por parte do outro é central no processo de construção da identidade, “o não reconhecimento ou o reconhecimento inadequado pode prejudicar e constituir uma forma de opressão, aprisionando certas pessoas em um modo de ser falso, deformado ou reduzido”. (OLIVEIRA *et al.*, 2015, p. 147).

De acordo com esse assunto, Aguiar e Orzella (2006) defendem que as pessoas se constroem a partir da sociedade e vice-versa, mediante esse processo vão constituindo significados e a atividade psíquica passa por um seguimento de reestruturação, conforme a internalização dos acontecimentos, em um processo de ressignificação.

Esse meio de ressignificação da identidade, conforme Scolari (2006), pode ser conceituado como um processo de pertencimento, sentir-se adequado ao local onde se encontra. Para o sujeito imigrante é notório, porque o lugar em que se encontra é muito diferente de onde ele construiu sua identidade, baseada no processo de significados em propriedades culturais inter-relacionadas.

Para Hall (1995), a definição de identidade nacional pode ser apontada como uma classe de pessoas que se identifica através dos aspectos históricos, culturais e ancestrais, partilhados entre si. De certa forma, a identidade está sempre em processo de construção, por outro lado, a identidade não possui um princípio fixo no qual é possível fazer um retorno final e absoluto, a identidade tem suas histórias com marcas reais, simbólicos e materiais.

Já para Jean (2018, p. 175), a construção da identidade nacional não se pauta apenas nas referências coletivas, mas “acompanhada de um gigantesco trabalho pedagógico, para que parcelas cada vez maiores da população as conhecem e nelas se reconhecem”.

A identidade é fruto de uma construção histórica, que abrange um sistema de definição e afirmação, no histórico do Haiti, desde a independência até os dias atuais está envolto em uma estruturação de uma identidade nacional, mediante uma motivação de cunho intelectual e político. Uma história agregada de um passado de escravização de um povo, que busca a construção de uma nova referência.

A constituição das nossas identidades muda com a contemporaneidade. Conforme Hall (1998), o sujeito pós-moderno é um sujeito sem uma identidade fixa, sendo transformadas em relação aos sistemas culturais em que estão inseridos. De acordo com Bitencourt, a identidade pós-moderna é caracterizada pela história e não de forma biológica.

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. De acordo com essa concepção, a identidade linguística assim como todas as nossas identidades podem ser modificadas em diferentes momentos da vida. E podem ser não apenas modificadas, mas também utilizadas concomitantemente, dependendo das situações em que estamos inseridos. Podemos ser várias. (BITENCOURT, 2013, p. 11).

Conforme Bauman (2005), as mudanças que ocorrem na sociedade pós-moderna demandam de relações de identidades efêmeras, com fluidez, conforme o capitalismo exige. Essa exigência está atrelada a modernização das ferramentas de comunicação, responsáveis por romper barreiras de informação de longas distâncias, envolvendo as relações culturais e linguísticas. Como afirma Rajagopalan (2003, p. 59), “nunca na história da humanidade a identidade linguística das pessoas esteve tão sujeita como nos dias de hoje, às influências estrangeiras. Volatividade e instabilidade tornaram-se as marcas registradas das identidades no mundo pós-moderno”.

A identidade linguística também se modifica ou se alterna; os sujeitos utilizam a linguagem de acordo com as situações e suas necessidades, se adequando ao meio. De acordo com Quiroga (1992), a identidade linguística não é inata, ela vai se transformando conforme a dialética com características do meio social, material e biológica do sujeito, que o autor se refere como a “policausalidade”, que não segue apenas uma direção e não se baseia apenas na causa e efeito.

Segundo Mey (1998), os traços linguísticos “mestiços” do imigrante têm a marca do contexto regional subordinado à “língua materna” dando a possibilidade de o aprendiz utilizar a nova língua conforme as suas vontades pessoais, sendo uma possibilidade de contextualizar a língua a qual está aprendendo.

Em consonância com essa posição, Blommaert e Rampton (2011) explicam que a linguagem estudada em sua pluralidade vai além de fronteiras e usos multilíngues, ultrapassa a análise do código em uma investigação de maneira isolada, mas de uma forma na sua totalidade: sociedades, contextos, culturas, locutores, interlocutores, entre outros.

Todas essas características vêm ao encontro desse estudo, pois mostram a pluralidade cultural que os imigrantes haitianos trazem em sua bagagem, assim como, o conhecimento de outras línguas que aprenderam em cada país que viveram antes de morarem no Brasil, fazendo parte de uma construção da identidade linguística de cada um.

Influências do contexto educativo de acordo com os professores e as coordenadoras pedagógicas

O relacionamento entre o professor e o aluno reflete no processo de ensino e aprendizagem do aluno em geral, mais precisamente os alunos que fizeram parte desse estudo, o imigrante haitiano. Interessou-nos questionar como os professores viam a relação do aluno haitiano com ele e com os demais alunos brasileiros.

Olha! Eles sendo crianças no processo de alfabetização é tudo questão de relação, de relacionamento. Então, você não pode diferenciar e nem deve, então, tem que ser todos tratados iguais. Se um tem que fazer, o outro também tem que fazer. E eu sou uma professora que sempre falo, se você não se relaciona com amor, você não tem amor. Se você não dá amor você não recebe amor e você não tem aprendizagem. você não pode dar na mesma moeda, entendeu? Valorizar pequenos detalhes, aí você sabe que quando começa a valorizar os pequenos detalhes o próprio aluno vai procurar ser grande! Então, por isso que eles já estão no processo de alfabetização, se acontecer dele errar, não se deve falar: - Você errou, eu não vou falar que ele é burro e tudo mais. E, sim: - maravilha! Vem aqui, que a prof. Vai te ajudar. (**Profª Jasmim – Pedagoga – alunos: Perches e Vallieres**).

É uma relação muito boa, afetiva, é uma aluna que interage bastante com o professor, com o aluno, com a disciplina, com os conteúdos, uma relação muito boa. (**Profª Lótus - Língua Portuguesa – aluna: Ferrier**).

Percebemos o carinho relatado pela professora Jasmim em relação aos seus alunos imigrantes haitianos na valorização de cada atividade realizada, o mais importante é tratá-los com equidade. Assim como o professor Lótus que acentua a relação com afeto.

Segundo Vygotsky (2000), os aspectos externos colaboram de uma maneira imprescindível para os fatores internos do aprendiz, pois o aprendiz constrói seu aprendizado em base no que vivencia em sala de aula com o professor e os colegas. Nesse sentido, percebemos que a motivação oferecida pelo professor é um grande auxílio na aprendizagem do aluno imigrante. Condizendo com esse tema, Ellis (1997) analisa que a motivação é determinante para a aprendizagem de línguas, porque o professor precisa conduzir o aluno de uma maneira que obtenha êxito no processo de aprendizagem.

Acerca da participação dos alunos haitianos quando são questionados sobre a situação e realidade do país de origem e se são respondidas, os docentes deixam claro a timidez que acompanha os alunos.

Responde igual aos outros alunos. Sim, ela faz comentários, quanto demorou pra chegar aqui, que pegou vários aviões, ônibus. (**Profª Lavanda - Língua inglesa – aluna: Ferrier**).

Respondem, o Vallieres já faz leitura, eles vão no quadro para responder. Olha, até agora eles nunca responderam como era a casa deles, a gente foi trabalhar sobre as casas. Aí ele falou da casa daqui. (**Profª Jasmim – Pedagoga – alunos: Perches e Vallieres**).

Sim, participa e responde todas as perguntas em relação às aulas de língua portuguesa. Ela responde, mas não tem uma lembrança positiva, acredito que seja pelas tragédias, vulnerabilidade, a extrema pobreza, a fome, ela não tem um laço afetivo com o país de origem. (**Profª Lótus - Língua portuguesa – aluna: Ferrier**).

Eles participam, sim. Eles são bem tímidos, mas participam sim. São feitas perguntas sim, e eles respondem falando sobre a realidade deles tranquilamente, outro dia perguntei pra um deles se gostaria de voltar embora pro Haiti, e ele respondeu que não, que não gostaria de voltar porque é muito sofrido. (**Profª Orquídea - Língua portuguesa – alunos: Magasin e Chantal**).

Os alunos Vallieres e Perches, quando perguntado pela professora Jasmim sobre as casas do Haiti, preferiram relatar sobre as casas do Brasil, demonstrando nessa atitude que a lembrança que gostariam de ter era daqui.

Ao serem questionados quanto a evolução da aprendizagem do seu aluno imigrante os professores relataram a dificuldade no ensino e aprendizagem da maioria dos alunos dessa pesquisa. A análise da professora Jasmim e a maneira de ensinar que utilizou com os seus alunos merece destaque.

O Vallieres, a evolução dele foi muito boa. Porque ele chegou no início do ano, ele viu todo processo. Conhece bem o alfabeto. Como a construção da língua. Então, ele não teve dificuldade. Tanto que ele não frequenta reforço. [...] ele chegou nesse ano. E ele não frequenta reforço. Agora, o Perches, eu achei que havia necessidade de ele fazer reforço, individual, justamente para a gente ir trabalhando a questão da língua e da alfabetização, junto. (**Profª Jasmim – Pedagogia – alunos: Perches e Vallieres**).

Percebemos que a realidade da professora Jasmim é bem interessante porque o processo dos dois alunos, Vallieres e Perches, foi diferenciado, porque Vallieres já estava no Brasil por dois anos e já havia frequentado outra escola. Perches estava no Brasil e matriculado na escola Rosa por apenas dois meses e meio.

A professora Tulipa, que é professora do Ouanaminthe, salienta que se ele não fosse tão agitado, avançaria mais.

É o que eu mencionei com a professora do ano passado dele, ele avançou bastante, mas eu creio que se ele não tivesse essa inquietude, ele já estaria lendo corretamente, no caso é só palavras que ele lê, ele faz a leitura de palavras de sílabas. (...) Se você toma leitura dele de palavras, ele consegue ler, então? (...) Sim, ele lê as palavras simples, né? (...) Para ele interpretar a frase, demora um pouco. (**Profª Tulipa – Pedagogia – aluno – Ouanaminthe**).

Ouanaminthe tem bastante dificuldade na aprendizagem. No relato da professora Tulipa, isso fica claro que a leitura é apenas de palavras simples, não conseguindo ler e nem interpretar as palavras complexas e de uma frase. Isso retrata que, mesmo o aluno fazendo a aula de reforço toda a semana com a professora, ainda assim tem muita dificuldade, diferente da irmã, a aluna Ferrier. Parece-nos interessante investigar o porquê dessa inquietude e a dificuldade em aprender, às vezes pode ser porque não entende a língua portuguesa, ou tem uma dificuldade de aprendizagem além da sala de aula, como também pode ser por causas psicológicas. Ademais, os dados ressoam os pressupostos defendidos por Blommaert e Rampton (2011), de que a linguagem estudada em sua pluralidade vai além de fronteiras e usos multilíngues. Tal estudo ultrapassa a análise do código e precisa ser tomado em sua totalidade, ou seja, considerar as demais questões imbricadas no processo de ensino da língua portuguesa para o aprendiz.

Ouanaminthe não estava morando com a mãe nessa época, e a madrastra brasileira parecia ser bem rígida com ele.

O professor Lótus tece somente elogios para a aluna Ferrier.

Houve uma evolução muito boa, é uma aluna muito boa, que está acima da média, responde todas as expectativas do professor em relação à aprendizagem da língua portuguesa e em outras disciplinas também. (**Profº Lótus - Língua portuguesa – aluna: Ferrier**).

A aluna Ferrier é muito dedicada com o que é proposto a ela em sala de aula. Percebemos que é uma aluna comunicativa com os colegas na hora do intervalo, porém, em sala de aula é um pouco tímida, pode ser por respeito que os alunos têm por tudo que envolve a escola e os professores.

A professora Orquídea, dos irmãos Magasin e Chantal, acredita que eles estão evoluindo bem, mas que poderia estar melhor se tivessem um apoio maior da Secretaria de Educação e todos envolvidos nesse processo.

Eles estão indo bem, mas acredito que se houvesse um auxílio maior quanto a Secretaria de Educação, como de todos, não vou colocar a culpa em um, não existe isso, acho que se houvesse um esforço de todos, todas as pessoas envolvidas acredito que a evolução seria bem mais rápida e de melhor aprendizagem pra eles, também pra nós como professores, então acredito que tem como melhorar, pra mim tudo tende a melhorar, então se houvesse essa junção de todos envolvidos a evolução seria rápida e mais propensa a aprendizagem deles. (**Profª Orquídea - Língua portuguesa – alunos: Magasin e Chantal**).

A relação entre os professores e os alunos haitianos é de um bom convívio. Analisando as falas e as observações em sala de aula, os alunos têm certo receio de perguntar e participar das aulas, a única relação que foi percebida de bastante aproximação foi entre a professora Jasmim e os alunos Vallieres e Perches, em que o carinho dos alunos com a professora é bem marcante, como todos os alunos da sala. Acreditamos que seja porque a professora faz um trabalho de acolhimento desses alunos. A ação da docente nos remete ao conceito de processo de pertencimento, conforme descrito por Scolari (2006), de fazer sentir-se adequado ao local onde se encontra, imprescindível ao imigrante, já que o lugar em que se encontra é diferente de onde iniciou a construção de sua identidade.

Em relação à cobrança sobre a aprendizagem, ela utiliza vários meios como cartazes, intervenção na fala, quando utilizam a translíngua, misturando as falas do espanhol, inglês, crioulo e francês com a língua portuguesa.

A professora Jasmim está sempre o corrigindo para falar como é a palavra em língua portuguesa. A ludicidade faz parte das aulas da professora Jasmim por meio de músicas, jogos, brincadeiras, tanto na sala de aula como no reforço. A aproximação do aluno com ela é bem forte.

Sim, em português. Já leem, o Perches que de vez em quando fala "amarílio" e eu intervenho: - Não, é amarelo a palavra. Para ele ver a diferença do som, da linguística, né? (**Profª Jasmim – Pedagoga – alunos: Perches e Vallieres**).

Conforme aponta estudos de Schultz (2003), a motivação tem um papel importante no desempenho do aprendiz, promovido pelos fatores internos e externos. O autor contextualiza dizendo que se o aluno não sentir que há uma necessidade de aprender, não existe uma motivação para a prática, sendo substituída pelo sentimento de desmotivação

em aprender a língua, dessa forma, o professor tem que fazer o papel de incentivador e mediador do aprendiz, despertando a necessidade e importância de aprender a nova língua.

Em relação aos professores do 4º ano da aluna Ferrier e do 5º ano dos irmãos Marquenzi e Chantal, os professores não são tão próximos. Porém, os professores fazem o que podem para melhor contribuir na construção do conhecimento de seus alunos haitianos, uma delas é de sentá-los em duplas com os colegas brasileiros, utilizando a mediação (VYGOTSKY, 1997). No processo histórico-cultural, de acordo com a teoria de Vygotsky, o ambiente é mediado por signos, essa mediação é uma ferramenta em que a internalização dos pontos externos é processada. É nesse momento que o desenvolvimento cognitivo do sujeito acontece. Vygotsky (1998) mostra que na sala de aula a mediação se dá a partir da interação entre o aluno e o professor, entre os alunos, com o material didático e na própria utilização da língua que desenvolve o papel de um tipo de recurso cognitivo, desenvolvendo o pensamento e troca de ideias pela linguagem. Existe uma relação entre a aprendizagem e o desenvolvimento da criança, que são refletidas em todo o processo da aprendizagem, desde o primeiro dia de vida. O desenvolvimento e aprendizagem são processos influenciadores recíprocos, de uma maneira que, quanto mais se aprende, mais se desenvolve.

O papel da coordenação pedagógica é dar suporte para os alunos imigrantes haitianos poderem se adequar e se sentirem à vontade no espaço escolar. Isso é um auxílio muito grande para um bom processo de aprendizagem o aluno na condição de imigrante.

A primeira pergunta direcionada às coordenadoras foi em relação às medidas que a escola tomou para a socialização do aluno haitiano e assim responderam:

Não, não teve necessidade, no ano passado a gente teve alguma situação assim, de preconceito, mas devido a cor, né? Por eles serem bem morenos, bem negros, mas daí a gente sentou, conversou com a criança que estava dando problema e resolveu. Mas no resto eles convivem super bem com os colegas. **(Coordenadora: Erva-Doce - Escola Lírío – alunos: Magasin e Chantal).**

Sim. Incentiva as crianças a interagir e ajudar nas atividades, brincadeiras, conversas e tarefas. **(Coordenadora: Gergelim - Escola Angico - Alunos: Ferrier e Ouanaminthe).**

A coordenadora Gergelim respondeu que não foi realizado nada específico ao aluno haitiano, mas no geral para todos os alunos.

Não, não teve nada específico pra socialização, não. **(Coordenadora: Gergelim - Escola Angico - Alunos: Ferrier e Ouanaminthe).**

O acolhimento é um princípio que deve nortear todas as práticas pedagógicas na escola, deve ser cultivado entre os estudantes, familiares e servidores de modo que possam, desde o primeiro contato, perceber as oportunidades que a escola oferece, permitindo a integração e a convivência social de todos, a partir do diálogo e trocas de experiências.

Na sequência, questionamos se a equipe pedagógica realizou alguma atividade diferenciada para a adaptação do aluno haitiano no espaço escolar. Nesse questionamento também as coordenadoras Erva-Doce e Girassol responderam que foram realizadas.

É, no caso do ano passado, porém, nesse ano não teve necessidade, como eles já estão bem adaptados não teve necessidade. Mas o ano passado fazia sim. (**Coordenadora: Erva-Doce – Escola Lírio – alunos: Magasin e Chantal**).

Não, nem na sala de aula, a única questão que é abordada com os professores é que seja realizada conforme o nível de aprendizagem do aluno tanto haitianos, como brasileiros. Que tem uma dificuldade de aprendizagem e o professor trabalha de acordo com o nível de aprendizagem dele, mas não tem nada específico para o aluno haitiano. (**Coordenadora: Gergelim – Escola Angico – Alunos: Ferrier e Ouanaminthe**).

Nenhuma das coordenadoras relatou sobre alguma medida que a escola tomou para a socialização do aluno haitiano no espaço escolar. As respostas foram no âmbito geral, o que é sempre feito para todos os alunos. Acreditamos que isso ocorre pelo fato de toda a equipe pedagógica não receber nenhum aparato da Secretaria de Educação, mesmo havendo a Resolução Normativa número 002/CME/2018.

Entendemos que o acolhimento precisa ser uma ação conjunta da equipe pedagógica, organizada para exercer esse papel de uma forma estruturada. O ambiente escolar é um espaço de convívio entre pessoas que traçaram percursos diferentes uma da outra, como também e não menos importante, a trajetória cultural. O âmbito escolar é um local onde as diferenças se encontram, pois, é imprescindível oportunizar relações saudáveis.

Influências do contexto educativo de acordo com os pais e alunos imigrantes haitianos

Os pais têm o papel de zelar pelo bem-estar dos seus filhos, o cuidado com o processo tanto de adequação no espaço escolar, a ajuda na compreensão da nova língua, como também no auxílio na construção do ensino e aprendizagem, pois a criança está em uma situação de adaptação no novo país. Neste novo contexto, os sujeitos têm sua identidade nacional ressignificada, uma vez que está sempre em processo de construção (HALL, 1995).

Para levantamento de dados sobre a contribuição dos pais na construção do ensino e aprendizagem do aluno haitiano foram feitas três perguntas.

O primeiro questionamento foi se havia algo que chamava a atenção do pai na escola. As respostas foram no sentido que tudo era bom em relação à escola que o seu filho estava matriculado no Brasil.

O que acho importante é o reforço que a escola dá porque no nosso país quando você quer reforço para o seu filho, tem que pagar. Mas aqui é de graça e eu acho importante isso essa parte da escola. (**Cedro, pai do Perches**).

Eu gosta de tudo porque aprende mesmo, porque ele aprende a falar inglês, português. (**Sibipiruna, pai do Magasin e Chantal**).

A resposta do pai Cedro foi interessante, sobre o reforço escolar, em que a maneira de ensinar da professora Jasmim sobressaiu. O pai estava vendo a evolução do seu filho que estava no Brasil há apenas 1 mês e meio.

Ao serem questionados se além da escola, a família frequentava outro lugar que ajudasse o seu filho a aprender a língua portuguesa, tanto o pai Cedro, do aluno Perches, como o pai Sibipiruna, dos irmãos Marquenzi e Chantal, relataram que frequentam a igreja.

Nós vamos a *igreja*, ele *guosta* cantar, música, ele gosta dessa parte. **(Cedro, pai do Perches)**.

Na igreja, só fala haitiano, mas tem uma menina brasileira e esposo dele sempre vem ensina a cantar em português, ensina os hinos da igreja. **(Sibipiruna, pai do Magasin e Chantal)**.

Os dois relataram que na igreja só se fala crioulo, pois é uma igreja evangélica do povo haitiano na cidade de Sinop – MT, mas tem brasileiros que a visitam.

O pai Flamboyant, do aluno Vallieres, disse que não tem outro local, mas tem uma amiga da esposa que é brasileira e, às vezes, já visitaram a igreja dos haitianos. O pai relatou, também, que se tem visita de brasileiros na igreja, eles oram na língua portuguesa.

Não tem. Só se nós for numa festa, tem uma amiga que a mãe dela trabalhou que nós foi na casa dela é brasileira, é amigo nós muito, quando nós foi lá na casa dela saber que é brasileiro conversando com ela, entendeu? Se for lá na igreja vai só dois vez, três vez na igreja brasileira, tem dois igrejas haitiano aqui e tem outro, e quando tiver na igreja, tem dia que a oração é em português, quando tem visita brasileiro, fazer só em crioulo. **(Flamboyant, pai do aluno Vallieres)**.

As igrejas haitianas são um espaço de socialização entre eles. Nesse lugar, eles podem viver a sua cultura e falar a sua língua, é um espaço de acolhimento entre os haitianos que vivem no mesmo local, onde conseguem praticar as culturas realizadas em seu país, uma forma de cultivarem a essência do seu lugar.

Na pergunta sobre qual era a visão deles como pais, de como estava sendo o processo de ensino e aprendizagem dos seus filhos, as respostas do pai Flamboyant, do aluno Vallieres, e do pai Cedro, do aluno Perches, foram positivas sobre o avanço deles. O pai Sibipiruna, dos irmãos Magasin e Chantal, disse que no ano anterior eles tinham se desenvolvido melhor.

Sim, o caderno dele tá bom, a letra boa, só uma coisa que ele tem, é brigando com o amigo. A professora e eu também aconteceu na escola, a *melorou* agora. **(Flamboyant, pai do aluno Vallieres)**.

Ele está indo bem, porque o espanhol e o português você sabe que tem palavras iguais que ele já sabe o que significa em espanhol. Ele vai devagarzinho. **(Cedro, pai do Perches)**.

No primeiro ano eles melhorou mais, mas nesse ano eu não sei porque se é por causa do celular que comprei um tablet pra ele e ele pará de prestar atenção na escola. Nesse ano quero que termina na avaliação e que deu certo. **(Sibipiruna, pai do Magasin e Chantal)**.

A importância da presença dos pais no processo de aprendizagem de uma nova língua é grande, interagir com a criança com a nova língua em casa, como citou o pai dos alunos Magasin e Chantal, em que disse que procura falar na língua portuguesa em casa por causa da filha de um ano, para quando ela for para a escola não sentir dificuldade com a nova língua. Isso vem ao encontro do que afirma Vygotsky (1998), em relação à aprendizagem de uma língua, de que é necessário um convívio com o adulto e todo o meio social que a criança vive no seu cotidiano, conforme o adulto usa a linguagem na comunicação com a criança.

Ouvimos também as crianças, na condição de alunos imigrantes, para entender o que sentem nesse processo da construção da identidade linguística a partir do ensino e aprendizagem da língua portuguesa. Perguntamos qual era a reação quando algum brasileiro falava uma palavra em língua portuguesa e que não entendessem, se perguntariam para a pessoa o significado ou prefeririam ficar quieto e em outro momento pesquisaria.

Já, na dicionário. **(Aluno: Chantal – 5º ano – ensino fundamental).**

Fico quieto. (...) pesquiso internet e dicionário. **(Aluno: Magasin – 5º ano – ensino fundamental).**

Os irmãos Marquenzi e Chantal preferem ficar quietos e depois pesquisariam, retratando mais uma vez a timidez e insegurança em perguntar novamente o que não entenderam. Essas são características marcantes deste grupo específico de crianças que fizeram parte do estudo.

Esse esforço pessoal é notório em cada frase relatada durante as entrevistas realizadas nessa pesquisa, tanto os adultos, como também as crianças e adolescentes que foram entrevistados.

Ao serem questionados se havia alguma coisa na escola que eles gostariam que fosse diferente, na resposta da aluna Ferrier, a única coisa que gostaria que fosse diferente é que quando o aluno haitiano se matricula na escola a equipe pedagógica o coloca no 1º ano do ensino fundamental, mas ela gostaria que fosse diferente; isso marcou a aluna porque a maneira que ela relatava o acontecimento era com bastante expressão de que não havia gostado dessa situação.

Eu não sinto dificuldade, eu só sinto quando eu não entendo alguma coisa que eles falam. (...) gosto de tudo na escola, mas tem uma coisa que quando a gente chega na escola a primeira vez, mesmo que a gente tá com 10 anos, voltam a gente pro primeiro ano pra fazer tudo até chegar aí. E quando eu cheguei eu fui pro primeiro, depois me pularam pro segundo, pro terceiro. (...) mas, fiz só um pouquinho, não o ano inteiro. **(Aluna: Ferrier – 4º ano – ensino fundamental).**

Na Resolução Normativa do município de Sinop – MT, é amparado a equiparação e reclassificação dos estudos do aluno imigrante, então a escola agiu da maneira adequada com a aluna Ferrier em reclassificá-la.

Parágrafo Único. Fica assegurada ao estudante não vinculado ao estabelecimento de ensino a possibilidade de ingressar na escola a qualquer tempo, desde que se submeta a

processo de classificação, reclassificação, aproveitamento e adaptação previstos no Regimento Escolar, sendo que o controle de frequência se fará a partir da data efetiva da matrícula. (RESOLUÇÃO NORMATIVA nº 002/CME/2018).

De acordo com a fala da professora Tulipa, do aluno Ouanaminthe, irmão da Ferrier, esse processo faz parte da instituição escolar para analisar o nível de conhecimento do aluno para então, colocá-los no nível compatível ao aluno.

Quando eles chegaram, eu sei porque as meninas da sala de recurso fizeram uma entrevista com eles, porque como eles já chegaram com a idade avançada, precisava saber qual era o nível de conhecimento deles, para ver se teriam que ficar no primeiro ano, no caso ela (a irmã), chegou numa idade que já teria que fazer o terceiro ano, mas quando a criança entra aqui, no caso a nossa escola no município, eles tem que passar primeiro para o primeiro ano, aí quando eles tem uma outra avaliação e pesquisa na sala de recurso para saber o nível de aprendizagem deles, através de uma prova de adaptação para então, passar para o próximo nível escolar. (**Profª Tulipa – Pedagoga – aluno – Ouanaminthe**).

A resposta do aluno Vallieres foi a mais marcante sobre esse questionamento, sobre o que ele gostaria que mudasse na escola, ele disse que era que todos falassem a mesma língua.

Eu queria que fosse ... os meninos falava haitiano e falava português porque todos que a prof fala uma coisa eu não entendi, só que não hora que faz a tarefa eu entendo. (**Aluno: Vallieres – 2º ano – ensino fundamental**).

Tanto a preocupação dos irmãos Chantal e Magasin como do aluno Vallieres é sobre conseguir interagir através do uso da língua adicional, da nova língua. A dificuldade em entender a língua quando chegam na escola é o que mais marca a criança, porque ela fica retraída por não conseguir se comunicar com as pessoas ao seu redor. É importante que a equipe pedagógica valorize a língua e a cultura do aluno imigrante, incentivando a expressão cultural, estimulando-os a usarem a sua língua materna, tanto na fala como na escrita, em comparação a língua portuguesa.

No início, essa prática pode ser restrita, mas com o tempo a bagagem de vocabulário tanto do aluno como de todos os envolvidos irá aumentar, assim, também o estreitamento da relação no dia a dia. A realidade da timidez dos alunos imigrantes haitianos, por todo o contexto que estão vivendo no ambiente escolar e pelo receio em perguntar, acaba dificultando ainda mais o processo de ensino e aprendizagem do aluno, não apenas da língua, como de todo o conteúdo ensinado.

Considerações finais

A cultura dos brasileiros em relação à aprendizagem de línguas é muito diferente dos haitianos. Para eles, é importante falar várias línguas ou, pelo menos, o inglês e o espanhol, além do crioulo e francês, para se comunicarem em outros países. A dificuldade é muito grande para todas as partes, tanto para os imigrantes como também para quem precisa se comunicar com eles, por causa da timidez.

A construção da identidade linguística dos haitianos é conflituosa em seu próprio país, porque em casa a cultura é falar o crioulo e quando chegam na idade escolar, a maioria das escolas ensina através da língua francesa, pelo motivo de ser a língua de melhor aceitação na sociedade, uma forma de ascensão social. Portanto, a construção linguística do haitiano em falarem mais de duas línguas, pode ser visto como uma vantagem, principalmente quando saem do seu país de origem para viverem em outros países falantes de outras línguas.

Na fase da coleta de dados através das entrevistas, com os pais e os alunos imigrantes, percebemos que estão no processo de translinguagem, principalmente as crianças, no qual misturam as línguas, porque, além de aprenderem duas línguas (francês e o crioulo) em seu país de origem, devido às migrações de seus pais para outros países, aprendem outras línguas como o inglês e espanhol.

A análise dos dados nos permite inferir que os alunos estão nos espaços escolares conforme a adequação particular da instituição escolhida, como também a abordagem de ensino que o professor escolhe para melhor atender esse aluno, porque a Secretaria de Educação não oferece aparato para preparar a equipe pedagógica para receber os alunos haitianos influenciando, dessa forma, no ensino e aprendizagem. O aluno não consegue um auxílio simultâneo da aprendizagem da língua portuguesa e o que está sendo ensinado em sala de aula.

Referências

AGUIAR, W. M. J.; OZELLA, S. Núcleos de Significação como Instrumento para a Apreensão da Constituição dos Sentidos. **Psicologia Ciência e Profissão**, n. 26, v. 2. p. 222-245, 2006.

ALVARENGA, E. M. de. **Metodologia da investigação quantitativa e qualitativa**. Versão em Português: Amarilhas Cesar. 2. ed. Assunción: PY, 2014.

ANDRÉ, M.; DARSIE, M. M. P. Novas práticas de avaliação e a escrita do diário: atendimento às diferenças. *In*: ANDRÉ, M. (org.). **Pedagogia das diferenças na sala de aula**. Campinas, SP: PAPIRUS, 1999.

BAUMAN, Z. **Identidade**: Entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BITENCOURT, T. V. Identidade Linguística e Currículo de Língua Portuguesa. **Horizontes**, v. 31, n. 2, p. 07-14, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/download/2/2>. Acesso em: 04 de jan. 2020.

BLOMMAERT, J.; RAMPTON, B. Language and Superdiversity. **Diversities**, v. 3, n. 2, 2011, p. 1-21.

DANTAS, S. D.; UENO, L.; SUGUIURA, M. Identidade, Migração suas Dimensões Psicossociais. **Rev. Inter. Mob. Hum. Brasília**, Ano XVIII, n. 34, p. 45-60, jan./jun. 2010.

ELLIS, R. **Second Language acquisition**. New York: Oxford University Press, 1997.

FERNANDES, D.; MILESI, R.; FARIAS, A. **Do Haiti para o Brasil: o novo fluxo migratório**. Instituto Migração e Direitos Humanos, 2014. Disponível em: <https://www.migrante.org.br/migracoes/migracao-haitiana/do-haiti-para-o-brasil-o-novo-fluxo-migratorio/>. Acesso em: 03 abr. 2020.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e de grupos. *In*: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 64-89.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GUIMARO, M. S.; STEINMAN, M.; KERNKRAUT, A. M.; SANTOS, O. F. P. dos; LACERDA, S. S. **Sofrimento psicológico em sobreviventes do terremoto ocorrido no Haiti em 2010**. Trabalho realizado no Hospital Israelita Albert Einstein, São Paulo, SP, Brasil, 2013.

HALL, S. **A questão da identidade cultural**. Tradução de Andrea Borghi Moreira Jacint e Simone Miziara Frangella. Campinas, SP: UNICAMP/IFCH, 1995.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro: Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

JEAN, D. Construção da identidade nacional na poesia haitiana: início de uma reflexão. **Revista Entrelinhas**. v. 12, n. 2, jul./dez. 2018.

MALVOISIN, M. J. **A migração haitiana no brasil: perspectivas de um novo fluxo migratório**. 2017. TCC (Relações internacionais) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis – SC, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/178835>. Acesso em: 23 maio 2020.

MASON, J. **Qualitative Researching**. 2. ed. London: Sage Publications, 2002.

MEY, J. L. Etnia, identidade e língua. Tradução de Maria da Glória de Moraes. *In*: SIGNORINI, I. (org.). **Lingua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado**. São Paulo: Fapesp, 1998.

OLIVEIRA, R. M.; JUNIOR, J. S.; BENFICA, V. B. M.; ROYER, A. N. dos S. S. Ressignificação da identidade no processo de imigração haitiana: uma pesquisa numa cidade do Sul do Brasil. **Revista Brasileira de Tecnologias Sociais**, v. 2, n. 2, p145-159, 2015.

OLIVEIRA, W. **Haitianos no Brasil: Hipóteses sobre a distribuição espacial dos imigrantes pelo território brasileiro: análise das implicações para o mercado de trabalho e para a gestão estratégica no Brasil do maior fenômeno migratório da década no país**.

2017. Disponível em: <http://dapp.fgv.br/haitianos-no-brasil-hipoteses-sobre-distribuicao-espacial-dos-imigrantes-pelo-territorio-brasileiro/>. Acesso em: 29 abr. 2020.

QUIROGA, A. **Enfoques y perspectivas en psicología social**: desarrollos a partir del pensamiento de Enrique Pichon-Rivière. Buenos Aires: Ediciones Cinco, 1992.

RAJAGOPALAN, K. **Por uma linguística crítica**: identidade e a questão ética. São Paulo: Parábola editorial, 2003.

SCHULTZ, R. **Motivação e desmotivação no aprendizado de línguas**. English made in Brazil, 2003. Disponível em: <http://www.sk.com.br/sk-motiv.html>. Acesso em: 17 out. 2012.

SCOLARI, R. M. D. **Ressignificação da identidade através do trabalho e moradia dos catadores de material reciclável da Associação de Recicladores Cidadão Amigos da Natureza do município de Erechim (RS)**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

SINOP. **Resolução Normativa 002/CME/2018**. Disponível em: https://www.jusbrasil.com.br/diarios/191823799/tce-mt-edicao-nomal-23-05-2018-pg-132?ref=previous_button. Acesso em: 23 jan. 2020.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. Tradução de M. Resende. Lisboa: Antídoto, 1997.

VYGOTSKY, L. S. Infancy. In: RIEBER, R. W. (Ed.). **The collected works of L. S. Vygotsky**. v. 5. Child psychology, p. 207-241. New York: Plenum Press, 1998.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

Como citar este documento:

SANTOS, Leandra Ines Seganfredo; ÁVILA, Karina Merlino. Influências do contexto educativo brasileiro na identidade linguística de alunos imigrantes haitianos. *Revista Espaço Pedagógico*, Passo Fundo, v. 30, e14837, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.5335/rep.v30i0.14837>